

A PERVERSIDADE NA LITERATURA DE EDGAR ALLAN POE: UM AMBIENTE DE TERMINOLOGIAS CIENTÍFICAS

Juan Carlos Acosta

Submetido em 28 de maio de 2018.

Aceito para publicação em 15 de outubro de 2018.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 56, novembro. p. 10-23

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quinta-feira, 22 de novembro de 2018.

A PERVERSIDADE NA LITERATURA DE EDGAR ALLAN POE: UM AMBIENTE DE TERMINOLOGIAS CIENTÍFICAS

PERVERSENESS IN EDGAR ALLAN POE'S LITERATURE: A SCIENTIFIC TERMINOLOGY ENVIRONMENT

Juan Carlos Acosta*

RESUMO: *Este trabalho visa demonstrar como um vocábulo pode se comportar como termo num texto literário. Neste caso, analisaremos o conceito de perverseness, que permeia alguns dos contos de Edgar Allan Poe, demonstrando, assim, que a linguagem da literatura pode também oferecer um ambiente para as linguagens científicas. Para delimitarmos o espaço em que dito conceito se encontra na obra de Poe, fazemos uma busca de palavras dentro de um corpus composto da obra poética e em prosa do autor para encontrar os textos em que perverseness aparece. Após isso, analisamos os seus contextos de uso e as suas diferentes traduções. Logo, abordamos o processo de terminologização da etno-terminologia de Maria Aparecida Barbosa para compreender como perverseness possui características de termo dentro da obra literária de Poe.*

PALAVRAS-CHAVE: *Terminologia; Edgar Allan Poe; Frenologia; Perversidade.*

ABSTRACT: *The purpose of this work is to demonstrate how a word can behave like a term in a literary text. In this case, we analyze the concept of "perverseness", which permeates some of the short tales of Edgar Allan Poe, demonstrating that literature language can also offer a scientific language environment. In order to delimit the space in which such concept is found in Edgar Poe's work, we make a word search in a corpus composed by the author's works (prose and poetry) to find the texts in which "perverseness" appears. After that, we analyze its contexts of use and its different translations. Then, we provide an overview of the terminologization process of Maria Aparecida Barbosa's ethno-terminology theory in order to comprehend how "perverseness" has term characteristics inside Poe's literary works.*

KEYWORDS: *Terminology; Edgar Allan Poe; Phrenology; Perverseness.*

1. Introdução

A obra de Poe, sobretudo os seus contos de terror, apresenta uma grande mistura de mistério, maldição, crimes, confissões e uma busca por uma explicação racional dos atos vis de seus narradores criminosos. Poe interessava-se pela Frenologia, pseudociência que tinha grande prestígio no início do século XIX e que acreditava que as concavidades da cabeça pudessem demonstrar as tendências dos seres humanos. Além de escrever uma resenha sobre Frenologia, ele incorporou alguns conceitos frenológicos em seus contos, especialmente no conto "*The Imp of the Perverse*" (1845). Nesse conto, o narrador afirma que os frenólogos teriam deixado de analisar um

* Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, juannacosta82@gmail.com.

impulso inerente à alma humana e que faz com que a pessoa faça algo simplesmente por saber que não deveria fazê-lo. Ele dá a esse impulso o nome de *perverse*. No próprio conto, o narrador afirma que utiliza tal palavra “na falta de um termo mais característico” (POE, 2013, p. 440, tradução nossa¹). *Perverseness* também aparece no conto “*The Black Cat*” (1843), em que o narrador se utiliza desse impulso para justificar os maus tratos dispensados ao seu gato e, conseqüentemente, o assassinato e emparedamento da esposa e de seu animal de estimação. Neste conto em específico, Poe chama o impulso de “*spirit of PERVERSENESS*” (POE, 2013, p. 236).

Tal dificuldade de nomear o conceito não parece ser exclusiva do autor americano. Desde as primeiras traduções desses contos para o português, *perverse* vem sendo comumente traduzido por “perversidade”. É importante salientar que muitos dos tradutores brasileiros tinham como referência a famosíssima tradução francesa de Charles Baudelaire, com a qual Edgar Allan Poe tornou-se conhecido mundialmente. O tradutor francês optou por traduzir *perverse* por *pervertité* – que teria como equivalente “perversidade” nas demais línguas latinas. Em língua espanhola parece não haver outra tradução senão *pervertidad*. Já em italiano há, além da ocorrência de *pervertita*, traduzida por Elio Vittorini (POE, 1961), a de *pervertione*, por Daniela Palladini (POE, 1992). No português brasileiro, além da predominância da tradução por “perversidade”, foi possível constatar que os tradutores, a partir dos anos 2000, buscaram outras alternativas para designar tal conceito. Foram encontradas as soluções “obstinação”, traduzido por Guilherme Braga (POE, 2009), e “Impulsividade” por Rodrigo Breunig (POE, 2011).

Este trabalho se propõe a analisar esse conceito e demonstrar que ele pode se comportar como um termo dentro dos textos literários de Edgar Allan Poe. Para tanto, primeiramente, faremos um apanhado sobre Frenologia para entender o contexto no qual se insere o conceito criado por Poe. A seguir, buscamos todas as ocorrências de *perverse* num *corpus* contendo toda a obra em prosa e poética do autor, usando a ferramenta *Sketch Engine* para identificar em quais textos *perverse* aparece. Depois, fazemos um pequeno resumo dos textos, extraímos alguns trechos para analisar os contextos de uso de *perverse* e observar se o conceito é o mesmo nos diferentes textos. Após isso, buscamos um recurso lexicográfico que contemple a época em que os textos foram escritos para que se entenda o significado de *perverse* naquele período. Com os levantamentos destes dados em inglês, comparamos as diferentes traduções de *perverse* para observar qual o nível de equivalência com o conceito proposto por Poe. Por fim, abordamos o processo de terminologização dentro perspectiva teórica de etno-terminologia de Maria Aparecida Barbosa (1998) para compreender como se dá o processo de transformação de um vocábulo em termo e constatar que *perverse* se comporta como um termo dentro da literatura do autor.

2. Frenologia e Poe

Inicialmente chamada de organologia, “a Frenologia surgiu em Viena, nos últimos anos do século XVIII” (MACEDO, 2017, p. 14). Almeida (2012) ressalta que ela “constituiu-se como a primeira teoria completa de localizacionismo cerebral” (ALMEIDA, 2012, p. 196). Foi fundada a partir dos estudos de Franz Joseph Gall e de

¹ No original: “*for want of a more characteristic term*”.

seu discípulo Johann Gaspar Spurzheim, cientistas alemães. Esses cientistas acabaram difundindo suas ideias primeiramente na França e depois na comunidade anglo-saxônica (MACEDO, 2016, p. 133). Enquanto Gall permanece em Paris, seu discípulo Spurzheim rompe com o mestre e passa a divulgar a Frenologia na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Na Grã-Bretanha, Spurzheim teria conhecido o advogado George Combe, criando uma versão mais acessível ao público do sistema de Gall. Foi dessa forma que se tornou conhecido o termo Frenologia (do grego para mente, *phren*, mais *logos*).

A Frenologia, cujo auge foi na década de 1830, postulava que as boças (os caroços do crânio) refletiam o tamanho relativo de cada parte do cérebro que designava as faculdades mentais do indivíduo. É como se fosse possível, apenas apalpando o crânio, compreender as qualidades e o caráter da pessoa. Nessa época, inclusive, Poe chegou a escrever uma favorável resenha sobre Frenologia. Quando ele trabalhava para a *Southern Literary Messenger*, escreveu, no dia 3 de março de 1836, uma resenha sobre um livro de Frenologia intitulado *Phrenology, and the Moral Influence of Phrenology*, com autoria de Mrs. L. Miles, da Filadélfia. Poe abre seu texto dizendo que “a Frenologia não é mais motivo de riso” (POE, 1836, p. 286, tradução nossa²). Nessa resenha, Poe demonstra grande conhecimento da história da Frenologia, dos caminhos que a então ciência percorreu desde a Europa às Américas e recomenda que “quanto aos usos da Frenologia – um de seus usos mais salutares é para o autoexame e autoconhecimento” (POE, 1836, p. 286, tradução nossa³). Poe mostra que conhecia a terminologia frenológica ao falar de suas faculdades. Segundo sua resenha, as faculdades seriam divididas em “Propensões Instintivas e Sentimentos” e “Faculdades Intelectuais”.

Na primeira subdivisão, encontramos diversos termos como *Amativeness*, *Combativeness*, *Destructiveness* e *Gustativeness*,⁴ etc. No último parágrafo da página 286, Poe dedica parte de seu texto à definição de *Combativeness*:

No capítulo de Combatividade, encontramos-nos com a observação muito sensata e necessária de que não devemos considerar a posse de propensões particulares e instintivas, como que nos absolvendo de responsabilidade na indulgência de ações culpáveis. Pelo contrário, é a perversão de nossas faculdades que causa o maior sofrimento que padecemos e ao qual (tendo o livre exercício da razão) somos responsáveis perante Deus (POE, 1836, p. 286, tradução nossa⁵).

No fragmento acima, vemos o Poe resenhista, dez anos antes de escrever tais contos, comentando que é a perversão dos impulsos que leva o indivíduo a padecer dos sofrimentos aos quais se é responsável perante Deus. Tem-se a impressão de que esse

² No original: “*phrenology is no longer to be laughed at*”.

³ No original: “*In regard to the uses of Phrenology – its most direct, and, perhaps, most salutary, is that of self-examination and self-knowledge*”.

⁴ Traduzido seria: Amatividade, Combatividade, Destrutividade, Gustatividade.

⁵ No original: “*In the chapter on Combativeness, we meet with the very sensible and necessary observation that we must not consider the possession of particular and instinctive propensities, as acquitting us of responsibility in the indulgence of culpable actions. On the contrary it is the perversion of our faculties which causes the greatest misery we endure, and for which (having the free exercise of reason) we are accountable to God*”.

texto prenuncia um espaço no qual o Poe contista iria desenvolver seu conceito de *perverse*ness em sua literatura.

Não obstante, o conto “*The Imp of the Perverse*” parece dirigir um olhar crítico à Frenologia. Em suas notas de tradução do conto para o castelhano, Julio Cortázar comenta que “Poe, como quase todos em seu tempo aceitava em geral os princípios da Frenologia; aqui, entretanto, parece advertir que se trata de uma pseudociência e não o oculta” (CORTÁZAR, 1956, p. 890, tradução nossa⁶). Almeida (2012) nos aponta que o narrador de “*The Imp of the Perverse*” parece ser um “inimigo acirrado da Frenologia” (ALMEIDA, 2012, p. 196). É importante termos em mente que o propósito de Poe com sua resenha era de divulgar um livro na revista em que trabalhava. A resenha foi escrita no auge da Frenologia. Já os contos de Poe foram escritos vários anos depois, quando a Frenologia começa a cair em descrédito. O fato é que o narrador do conto de Poe demonstra ter não apenas bastante conhecimento do assunto, mas a perspicácia de apontar as suas limitações.

3. Apresentação dos textos e o contexto de uso de *perverse*ness

Para entendermos o conceito e chegarmos aos contextos de uso de “*perverse*ness”, primeiramente compilamos um *corpus* com todos os 66 contos, a única novela (*A narrativa de Arthur Gordon Pym*) e os poemas escritos por Poe. Fizemos o upload do *corpus* na ferramenta *Sketch Engine*⁷ e procuramos todas as vezes que a palavra apareceu. Os resultados apontaram ocorrência de *perverse*ness em apenas três textos do autor: “*The Black Cat*”, “*The Imp of the Perverse*” e “*The Narrative of Arthur Gordon Pym*”. Os dois primeiros textos são contos breves de terror e o terceiro é a única novela publicada por Poe.

“*The Black Cat*” é um conto em primeira pessoa em que o narrador, cujo nome não é mencionado, é o protagonista da ação. Temos a história de um homem que tinha um especial afeto pelos animais. Ele possuía vários animais de estimação, além de um gato chamado Plutão. Num determinado momento o narrador se confessa alcoólatra e diz que, por causa da bebida, teria sido inicialmente acometido pelo Demônio da Intemperança, o que provocou uma alteração no seu caráter e em sua relação com o seu gato. Em um dado momento, acometido por tal demônio, o homem arranca um dos olhos do animal. Como o gato passou a evitá-lo por medo de uma nova agressão, o narrador passou da intemperança para um sentimento de irritação, logo veio o “*spirit of PERVERSENESS*” (POE, 2013, p. 236). Num dado momento em que estava alterado pela bebida, o narrador acaba matando o gato enforcando-o numa árvore. Mais tarde na história, enquanto o homem bebia num bar, aparece um segundo gato, e o homem o leva para casa. O segundo gato era muito parecido com Plutão, com a diferença de ter uma mancha branca no peito. Essa mancha branca aos poucos vai tomando a forma de uma forca, fazendo com que o homem se lembre constantemente do enforcamento do primeiro gato. O homem busca um machado para tentar matar o animal. Sua esposa tenta evitar, mas ele acaba matando-a a machadadas. O gato desaparece. O homem então empareda a esposa em um vão do porão da casa. Quando os policiais vão à casa

⁶ No original: “Poe, como casi todos en su tiempo aceptaba en general los principios de la frenología; aquí, sin embargo, parece advertir que se trata de una pseudociencia y no lo oculta”.

⁷ O *Sketch Engine* é uma ferramenta online (<<https://www.sketchengine.co.uk/>>) que permite realizar análises linguísticas semiautomáticas em grandes quantidades de texto.

em busca de provas quanto ao desaparecimento de sua esposa, não encontram nada. No momento em que os policiais estão indo embora, o homem os chama para demonstrar como as paredes da casa eram de boa qualidade, tomado por um louco desejo de gabar-se do seu crime perfeito, “eu mal sabia o que dizia” (POE, 2013, p. 243⁸). Quando ele toca na parede em que a mulher estava emparedada, ouve-se um gemido, como um choro de criança, que logo se transforma num uivo. Os policiais então correm para abrir a parede e descobrem que a mulher havia sido emparedada junto com o gato.

Neste conto, o conceito de *perverseness* é precedido por outro impulso, atrelado ao alcoolismo, chamado de Demônio da Intemperança (*Fiend Intemperance*). Esse impulso fez com que o homem se tornasse violento quando bebia. Já o conceito de *perverseness* “é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das indivisíveis faculdades primárias dos sentimentos, que dá direção ao caráter do Homem. Quem não se encontrou, centenas de vezes, cometendo uma ação vil ou estúpida, por nenhuma outra razão senão porque sabe que não deveria?” (POE, 2013, p. 236-237, tradução nossa⁹). É um impulso ligado à propensão de infringir a lei, de cometer um pecado, de fazer algo errado pelo simples fato de ser algo errado. Entende-se que *perverseness* não está diretamente ligado à maldade, mas à infração, ao pecado, à perversão dos valores morais. A maldade aqui acaba sendo a consequência do ato.

Diferentemente de “*The Black Cat*”, o texto “*The Imp of the Perverse*” parece ter um duplo movimento. A parte inicial tem uma característica mais ensaística do que literária, na qual o narrador afirma que os frenologistas teriam falhado por deduzirem os impulsos frenológicos *a priori*. Para eles, Deus teria pensado que o homem deveria comer, então criou-se o impulso de *Alimentiveness*. Ao pensar que era vontade de Deus que o homem continuasse sua espécie, teriam então descoberto o órgão de *Amativeness*. “Os Spurzheimitas, estando certos ou errados, em parte ou em tudo, apenas seguiram, em princípio, os passos de seus predecessores; deduzindo e estabelecendo todas as coisas pelo destino pré-concebido do homem, e sobre o chão dos objetos de seu criador” (POE, 2013, p. 439, tradução nossa¹⁰). Para o narrador, teria sido mais inteligente se os impulsos fossem classificados com base no que o homem ocasionalmente fazia. Indução, *a posteriori*, teria feito os frenologistas admitirem a existência de um princípio inato e primitivo da ação humana, um sentimento paradoxal, que o narrador chama de *perverseness*, “na falta de um termo mais característico” (POE, 2013, p. 440, tradução nossa¹¹). O impulso, assim como em “*The Black Cat*”, impele o homem a fazer algo pelo mero fato de que ele sabe que não deveria fazê-lo. Como um instinto que nos faz persistir no erro. Logo, o narrador demonstra como tal impulso não pode ser apenas uma modificação de *Combativeness*, já que este último impulso tem como princípio a autodefesa; uma preservação contra um dano. Para o narrador, “no caso desta coisa que designarei como *perverseness*, o desejo de estar bem não só não é evocado, senão que

⁸ No original: “*I scarcely knew what I uttered at all.*”

⁹ No original: “*is one of the primitive impulses of the human heart - one of the indivisible primary faculties of sentiments, which give direction to the character of Man. Who has not, a hundred times, found himself committing a vile of stupid action, for no other reason than because he knows he should not?*”

¹⁰ No original: “*The Spurzheimites, whether right or wrong, in part, or upon the whole, have but followed, in principle, the footsteps of their predecessors; deducing and establishing every thing from the preconceived destiny of man, and upon the ground of the objects of his creator.*”

¹¹* Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, juannacosta82@gmail.com. No original: “*for want of a more characteristic term.*”

existe como um sentimento fortemente antagônico” (POE, 2013, p. 440, tradução nossa¹²).

Aqui o impulso parece mais claramente ligado, além do ato de persistir no erro, à auto-aniquilação do indivíduo. Por isso o contraste com *Combativeness*. Em seu texto *Le démon du pervers: entre perversité et perversion*, Claude-Olivier Doron comenta que “esta *perverseness* define muitas vezes uma tendência à autodestruição” (DORON, 2011, p. 7, tradução nossa¹³). Na segunda parte do conto, quando a história de fato se desenvolve, o narrador protagonista conta que este impulso é o motivo pelo qual fora impelido a cometer seu crime. Ele teria uma espécie de tutor que deveria lhe passar os seus bens como herança. Para apoderar-se desses bens, o narrador se utiliza de uma ideia que teria lido num livro francês de memórias de uma tal Madame Pilau, em que o criminoso, sabendo que a vítima costumava ler à noite, substitui a vela do quarto por outra contendo veneno. Após a morte do tutor, o narrador escapa de qualquer suspeita do crime. Mas, aos poucos, algo começa a se apoderar dos pensamentos do narrador e o impele, de uma maneira incontrolável, a confessar o seu crime. O narrador acaba por sair gritando pelas ruas, “Estou a salvo! Sim! Se eu não for tão tolo a ponto de confessar!” (POE, 2013, p. 442, tradução nossa¹⁴). Logo, ele é encarcerado e, atrás das barras de sua cela, conta-nos como foi abatido por este impulso que, aos poucos, se tornou irrefreável.

O narrador deixa claro neste conto que o impulso vem gradualmente tomando conta do indivíduo até que ele comete um ato “perverso”. Depois de sair ileso da perfeição com a qual o narrador escondeu as provas de seu crime, algo lhe aparece, como um pequeno demônio que gradualmente o incita a confessar seu crime e ser punido pelo ato.

No caso da novela *The Narrative of Arthur Gordon Pym*, embora o uso de *perverseness* não esteja diretamente ligado ao conceito visto nos dois contos, é interessante analisar como a palavra está sendo utilizada no romance. A novela é narrada em primeira pessoa e conta a história de Arthur Gordon Pym, um rapaz amante de aventuras marítimas que, acompanhando seu amigo Augustus Barnard, entra de forma clandestina no *Grampus*, um navio baleeiro em que trabalhava o pai do seu amigo e que percorreria os mares do sul. Dentro dessa embarcação acontecem diversas coisas – tempestades, motins a bordo, etc. –, o que faz com que Pym fique muito tempo sem saber o que acontece no lado de fora do porão onde ele havia se escondido. Em determinado momento da história, depois de dias de incertezas e de delírios causados pelo enclausuramento, o protagonista descobre que foi seguido pelo seu cachorro. O cão passa a ficar escondido com ele no lado de dentro do porão do barco enquanto as suas provisões de comida vão ficando cada vez mais escassas. Pym acaba ficando muitos dias desnutrido e, em um dado momento, ele é atacado pelo seu cão, que também padecia de fome e sede. Ao se desvencilhar do ataque do animal raivoso, Pym perde o último pedaço de carne que tinha guardado e fica apenas com um *gill* (cerca de 125ml) de licor nas mãos. Ao invés de guardar o pouco recurso que tinha em mãos, ele decide tomar a bebida até o fim e depois toca a garrafa no chão com fúria:

¹² No original: “in the case of that something which I term *perverseness*, the desire to be well is not only not aroused, but a strongly antagonistical sentiment exists”.

¹³ No original: “cette *perverseness* définit souvent une tendance à l’autodestruction”.

¹⁴ No original: “I am safe – I am safe – yes – if I be not fool enough to make open confession!”.

Nesta luta, no entanto, eu tinha sido forçado a soltar o pedaço de presunto, e agora encontrei todo o estoque de provisões reduzidas a alguns poucos goles de licor. À medida que essa reflexão atravessava minha mente, senti-me tomado por um desses ataques de *perverseness* que poderia se supor que influenciasse uma criança malcriada em circunstâncias semelhantes, e ergui a garrafa até meus lábios, esvaziei até a última gota e a esraçalhei furiosamente contra o chão. (POE, 2013, p. 793, tradução nossa¹⁵).

O uso de *perverseness* aqui parece estar ligado com o ato de o personagem não agir com a razão e simplesmente acabar com o pouco de bebida que tinha em mãos numa atitude imediatista. Aqui seu uso parece se assemelhar a uma atitude impulsiva. O que talvez se assemelhasse ao conceito visto nos contos seria o caráter autodestrutivo de tal atitude. De certa forma, Pym descarta o pouco recurso que tinha sem pensar nas consequências. Portanto, a utilização de *perverseness* dentro da novela não está ligada a um ato criminoso, mas à atitude irracional e desmedida. Após este momento de destruição da garrafa, Arthur Pym consegue reencontrar seu amigo Augustus e a história dentro do barco continua.

Voltando aos dois contos, os crimes diferem entre si. No primeiro, o homem mata a mulher com um machado e a empareda em um vão do sótão. No segundo, o homem troca a vela da vítima, que costumava ler à noite, por uma vela envenenada. Para Manrique (2011), o conceito de *perverseness* (*perversidad*) difere entre os dois contos. No primeiro “o impulso primário da *perversidad* instiga o protagonista a matar o seu gato e a sua mulher. Aqui (“*The Imp of the Perverse*”) a questão é diferente: a *perversidad* instiga o protagonista a confessar o seu homicídio, e não a cometê-lo” (MANRIQUE, 2011, p. 94, tradução nossa¹⁶). Diferentemente de Manrique, acreditamos que o impulso instiga o assassino a confessar em ambos contos. A diferença é que, em “*The Black Cat*”, o assassino parece não perceber que está sendo manipulado pelo impulso, pois o narrador chama os policiais a retornarem ao local do crime e assume ao leitor que mal sabia o que dizia, como se as palavras saíssem sozinhas de sua boca. Apenas em “*The Imp of the Perverse*” a confissão é exteriorizada, embora fosse gradualmente incitada pelo *imp* (diabrete, em inglês). O biógrafo de Poe, Arthur Hobson Quinn (1998), ao comentar sobre a publicação de “*The Black Cat*”, aponta a confissão do crime como um elemento comum nos contos de Poe. “A revelação do crime, assim como em “*The Tell-Tale Heart*”, é causada pela consciência do assassino” (QUINN, 1998, p. 395, tradução nossa¹⁷). Sendo assim, acreditamos que se trata de um mesmo conceito para os dois contos. Embora o impulso se manifeste de maneira mais sutil no primeiro conto, é o mesmo conceito sendo aplicado em ambos casos.

¹⁵ No original: “*In this struggle, however, I had been forced to drop the morsel of ham-skin, and I now found my whole stock of provisions reduced to a single gill of liqueur. As this reflection crossed my mind, I felt myself actuated by one of those fits of perverseness which might be supposed to influence a spoiled child in similar circumstances, and raising the bottle to my lips, I drained it to the last drop, and dashed it furiously upon the floor*”.

¹⁶ No original: “*el impulso primario de la perversidad instiga al protagonista a matar a su gato y a su mujer. Aquí (“The Imp of the Perverse”) la cuestión es diferente: la perversidad instiga al protagonista a confesar su homicidio, no a cometerlo*”.

¹⁷ No original: “*The disclosure of the crime, as in “The Tell-Tale Heart”, is caused by the conscience of the murderer*”.

4. Definição de *Perverseness*

O dicionário *on-line Webster's 1828* define *perverseness* como: “*Disposition to cross or vex; untractableness; crossness of temper; a disposition uncomplying, unaccommodating or acting in opposition to what is proper or what is desired by others [...] Perversion. [Not used.]*” (PERVERSENESS, 1828, s.p.). Traduzindo para o português, significa a) disposição para opor-se ou para perturbar; b) intratabilidade; c) temperamento contraditório; d) disposição em discordar, agir em oposição ao que é apropriado ou desejado pelos outros. Logo após, curiosamente temos *perversion* (não usado). O que significa que, ainda que não usado, “perversão” também é sinônimo de *perverseness*.

Doron (2011) nos diz que os conceitos de *perverse*, *perversion* e *perversité* estavam em processo de progressiva estabilização no âmbito médico no período em que Poe escrevia estes dois contos (DORON, 2011, p. 13). Além disso, é importante lembrarmos que o conceito de “perversão” adquiriu uma forte associação a partir dos estudos de Freud sobre a sexualidade. Vale recordar que os textos de Poe foram escritos pelo menos 50 anos antes das primeiras publicações da psicanálise.

Corrêa (2006), autor de “Perversão: trajetória de um conceito”, traz algumas considerações sobre os primórdios do conceito “perversão” e sua ligação inicial com o erro. Segundo seus estudos:

em sua origem, a palavra perversão está carregada de juízo de valor. O substantivo perverso já nomeia adjetivando, pois este Verso é de verter, verter para o caminho errado. Sair do que é direito e bom. Literalmente, o perverso é contrário aos padrões aceitos, ou, o que é ainda mais forte, contrário à direção do juízo, ou à lei (CORRÊA, 2006, p. 85).

Podemos dizer que, apesar da associação de “perversão” com a sexualidade nos textos de psicanálise, o termo “perversão” está bem próximo do que Poe está propondo com *Perverseness*.

Entretanto, não há razão para que nos furtemos da compreensão psicanalítica acerca da perversão vigente à época de Freud. Em seu texto de 1905 intitulado “Três ensaios sobre a sexualidade”, Sigmund Freud diz que a união dos genitais no ato sexual seria a descrição de um alvo sexual normal. Mas os desvios que ocorrem durante o ato, como por exemplo o beijo na boca, “não pertencem ao aparelho sexual, mas constituem a entrada do tubo digestivo. Aí estão, portanto, fatores que permitem ligar as perversões à vida social normal” (FREUD, 1996, p. 142). Basicamente, as perversões sexuais eram entendidas como “(a) *transgressões* anatômicas quanto à região do corpo destinadas à união sexual e (b) *demoras* nas relações intermediárias com o objeto sexual” (FREUD, 1996, p. 142, grifos do autor). Portanto, mesmo no âmbito da psicanálise, as perversões são desvios, transgressões da normalidade da vida sexual.

Além de *perverseness*, também foi encontrada a seguinte definição para *perverse*: “1. [...] *distorted from the right*; 2. *Obstinate in the wrong* [...]” (PERVERSE, 1828, s.p.). Em português, significa distorcido do que é certo – obstinado no que é errado/ruim/mal. Ou seja, está-se lidando com um conceito que beira o limite entre fazer o mal e fazer algo errado, visto que se pode associar ambas as coisas à palavra *wrong*. Ao traduzir por “perversidade”, *perverseness* se aproxima muito mais do aspecto maligno do que do aspecto “errôneo”. Soa como se estivesse sendo incorporada uma acepção mais próxima do vocábulo *evil* do que de *wrong*. É possível pensar que

qualquer coisa que seja *evil* será inevitavelmente *wrong*, mas nem tudo que é *wrong* deverá ser, obrigatoriamente, *evil*. Parece-nos que a palavra em inglês está muito mais ligada ao delito do que à maldade em si.

A respeito da tradução de *perverseness* para as línguas latinas, Julio Cortázar compartilha uma importante observação em suas notas de tradução deste conto:

Acertadamente Emile Lauvrière alerta o leitor sobre a diferença de sentido que a palavra *perverse* tem para um inglês e um francês. A distinção se aplica igualmente em nosso caso. *Perverseness*, perversidade, não é “grande maldade ou corrupção” (ainda que possa sê-lo), mas – citamos Lauvrière – “o sentido de obstinação em fazer algo que não se quer e que não se deve fazer”. Por seu lado, Poe o explica no início do relato; na tradução, entretanto, subsiste o inconveniente de não dispor de um termo mais preciso (CORTÁZAR, 1956, p. 890, tradução nossa¹⁸).

Esta nota de Cortázar demonstra a dificuldade de encontrar uma tradução exata nas línguas latinas para *perverseness*. Assim, entende-se o porquê de os tradutores brasileiros mais contemporâneos evitarem a sua tradução por “perversidade”. Para eludir uma interpretação ligada à maldade, os tradutores usaram “obstinação” e “impulsividade”. Ao traduzi-lo por “obstinação”, Guilherme da Silva Braga (POE, 2009) evita a associação do impulso com a maldade, mas carece do aspecto errôneo contido em *perverseness*, visto que a própria nota de Cortázar indica que se trata da “obstinação em fazer algo que não se quer ou que não se deve fazer”. Pode-se dizer que essa solução tradutória contempla parte do significado, mas não o todo. Já a “impulsividade”, de Rodrigo Breunig (POE, 2011), embora evite o aspecto de maldade contido em “perversidade”, não liga o impulso ao aspecto errôneo, mas a algo impulsivo. A “impulsividade” parece estar mais ligada à pressa, à ansiedade de fazer algo sem medir as consequências. Entretanto, o conceito de Poe parece ser algo pensado. O sujeito sabe que não é certo fazê-lo, mas mesmo assim o faz. Para Squallice et al (2011), “a impulsividade, em sentido estrito, consiste no agir rápido e irreflexivo, atento aos ganhos presentes, sem prestar atenção nas consequências a médio e longo prazo” (SQUILLACE; JANEIRO; SCHMIDT, 2011, p. 10, tradução nossa¹⁹). Assim sendo, traduzir *perverseness* por “impulsividade” parece estar mais relacionado com o contexto de uso desta palavra encontrado na novela *The Narrative of Arthur Gordon Pym*, em que, conforme dito anteriormente, o personagem age impulsivamente e joga a garrafa no chão com força, sem pensar nas consequências de ter desperdiçado o seu último gole da bebida.

De qualquer maneira, diante dessa complexa tarefa de traduzir esse conceito, acreditamos que essas são soluções tradutórias interessantes. Elas demonstram que os tradutores contemporâneos não apenas buscam formas de traduzir o texto de Poe que se afastem das opções que perduram desde os tempos de Baudelaire, mas também que esses tradutores estão refletindo as considerações feitas pelos tradutores que os

¹⁸ No original: “Acertadamente previene Emile Lauvrière al lector sobre la diferencia del sentido que la palabra *perverse* tiene para un inglés y un francés. El distingo se aplica igualmente en nuestro caso. *Perverseness*, *perversidad*, no es gran maldad o corrupción (aunque pueda serlo), sino – citamos a Lauvrière– ‘el sentido de encarnizamiento en hacer lo que no se quisiera y no se debiera hacer’. Por su parte, Poe lo explica al comienzo del relato; en la traducción, empero, subsiste el inconveniente de no disponer de un término más preciso”.

¹⁹ No original: “La impulsividad en sentido estricto, consiste en el actuar rápido e irreflexivo, atento a las ganancias presentes, sin prestar atención a las consecuencias a mediano y largo plazo”.

precederam. Dito em outras palavras, se eles não leram as notas de Cortázar e as observações de Lauvrière, por exemplo, pode-se, ao menos, pensar que eles chegaram às mesmas conclusões.

Também é importante levar em conta, pelo menos no caso do conto “*The Imp of the Perverse*”, que o conceito de *perverseness* é explicitado de maneira minuciosa pelo narrador durante a primeira parte do conto. Dessa forma, independente da opção tradutória que for utilizada, o leitor compreenderá do que se trata o conceito criado por Poe.

5. O processo de terminologização

Segundo Barbosa (2006, p. 49), terminologização é um termo que integra a *Terminology work – Vocabulary (ISO/DIS 1087-1)*, que o define como “um processo através do qual uma palavra ou expressão da língua geral é transformada em um termo”²⁰. No universo terminológico de uma mesma ciência ou tecnologia, “há uma constituição de subconjuntos terminológicos de natureza e funções diversas” (BARBOSA, 1998, p. 29). Pode-se dividir esses subconjuntos da seguinte maneira:

- a) Unidades terminológicas criadas para uma área e caracterizadoras dessa mesma área.
- b) Unidades terminológicas provenientes de outra área.
- c) Unidades terminológicas provenientes da língua geral (i.e., um vocábulo que se transforma em um termo).
- d) Unidades terminológicas com acepções parcialmente comuns às de outras áreas.
- e) Unidades terminológicas complexas em que um elemento é emprestado de outra área, combinando-se com elementos da própria área.

Nas obras aqui estudadas, acreditamos que *perverseness* se comporta como uma unidade terminológica proveniente da língua geral, pois é uma palavra de uso corrente e que não pertenciam a nenhuma área de especialidade até aquele momento. As noções de “perverso” e “perversão” da psicanálise, por exemplo, vieram meio século depois do texto de Poe.

Quanto ao processo de terminologização, Barbosa (1998) divide-o em duas definições: terminologização *strictu sensu* (vocábulo que se transforma em termo) e terminologização *latu sensu* (conceito que se transforma em termo). Nesta segunda definição do processo, Barbosa considera o seguinte:

Aqui, pois, a terminologização é equivalente à lexemização e tem como ponto de partida, no percurso gerativo da enunciação a própria realidade fenomênica, em que se tem uma informação virtual, amorfa, que, em outro nível, o do recorte observacional e cultural, se transforma no *conceptus*; este, por sua vez, será terminologizado. [...] Nesta concepção, há uma restrição muito grande no processo de criação de termos, já que prevê apenas o aproveitamento de vocábulos da língua geral – processo primário –, por meio de alterações semânticas – processo secundário (BARBOSA, 1998, p. 31).

²⁰ No original: “a process by which a general language word or expression is transformed into a term”.

Para a autora, a terminologização *lato sensu* estaria por trás dos processos citados anteriormente, pois o ponto de partida sempre é o nível conceitual.

(Fonte: BARBOSA, 1998, p. 36)

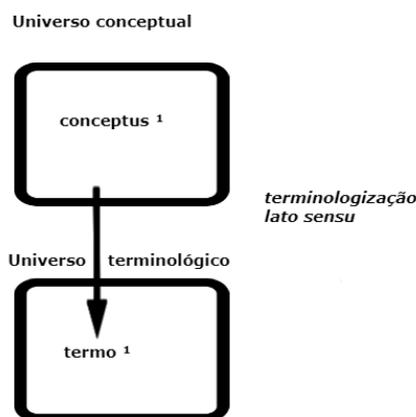


Figura 1 – Terminologização *lato sensu*

Compreende-se assim que *perverseness* parte de um determinado *conceptus* e é terminologizado a partir do vocábulo *perverse* da língua geral. Pode-se dizer que ele se comporta como um novo termo que mantém características parecidas com outros termos da Frenologia (uso do sufixo *-ness* aparece em vários termos frenológicos). No conto “*The Imp of the Perverse*”, Poe propõe um termo para um conceito que a Frenologia não teria sido capaz de analisar; um impulso inerente à alma humana que faz com que a pessoa cometa determinados atos pelo simples fato de saber que não deveria cometê-los. Na falta de um termo mais característico para tal impulso, o escritor o chama de *perverseness*.

6. Considerações finais

A partir dos dados apresentados, pode-se dizer então que *perverseness* comporta-se como um termo dentro da literatura de Edgar Allan Poe e passou por um processo de terminologização *lato sensu*, ou seja, que parte de um conceito determinado cujo vocábulo é proveniente da língua geral – *perverse*. Como pode ser observado na terminologia frenológica descrita por Poe em sua resenha de 1836, vemos que a sufixação *-ness* é a mesma usada nos outros termos frenológicos como *Combativeness*, *Amativeness*, etc.

Pode-se observar também que a falta de uma palavra nas línguas latinas para traduzir *perverseness* acaba gerando uma variedade de traduções: perversidade, *perverse*, obstinação, impulsividade. Doron (2011) sustenta que “de modo que pode-se dizer que Baudelaire cometeu uma falta ao traduzir ‘*The Imp of the Perverse*’ por ‘*Le*

Démon de la Perversité, pois tudo leva a pensar, no texto de Poe, que não se trata de ‘perversidade’ senão de ‘perversão’ (DORON, 2011, p. 15, tradução nossa²¹). Isso demonstra como pode ser válido traduzir *perverse* por “perversão”, visto que o próprio Poe afirma, em sua resenha de 1836, que a causa das ações culpáveis é a perversão dos nossos impulsos. Quanto às opções que os tradutores brasileiros contemporâneos utilizaram, pode-se dizer que não são plenamente equivalentes com o sentido de *perverse*. “Obstinação” e “impulsividade” contemplam apenas parte do sentido da palavra inglesa. Poder-se-ia dizer que se trata de uma solução tradutória que se utiliza de uma parte para dizer o todo, pois, se *perverse* é um “impulso da obstinação em fazer algo que se sabe que não deve ser feito”, traduzir apenas por “obstinação” não contempla todo o conceito de Poe, da mesma forma que a “impulsividade”. Por outro lado, apenas manter *perverse* por “perversidade”, como tem sido feito ao longo de décadas desde Baudelaire, também não contempla totalmente o conceito criado por Poe. Quando entendemos que *perverse* não está ligado diretamente com a maldade, mas com fazer algo errado, o impulso se amplia. Não é apenas um assassino que pode ser acometido por esse impulso, mas qualquer pessoa, não necessariamente má, que se deixa levar pelo impulso de praticar um ato que sabe que não deveria fazê-lo. Dessa forma, a genialidade de Poe evidencia que esse impulso é mais próximo do ser humano dito “normal” do que podemos pensar. Não é uma exclusividade de seus narradores assassinos.

Por fim, concluo que o presente artigo pretende ser útil não só para os amantes da literatura fantástica e de mistério, interessados em compreender o conceito de *perverse*, que permeia, ainda que de forma mais sutil, vários dos contos mais aterrorizantes de Edgar Allan Poe, mas também para os interessados pelos estudos de Terminologia, em especial pelos conceitos de terminologização, e pelos Estudos de Tradução, especialmente pela tradução literária. Acredito que este trabalho seja um exemplo válido para que se observe como um ambiente de linguagem científica pode aparecer dentro do campo da literatura. Este é, sem dúvidas, um caminho amplo para diversos estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Vieira de. Por uma semiótica do mal: "The imp of the perverse", de Edgar Allan Poe. *SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras FFP/UERJ*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 196-206, jul./dez. 2012.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta Semiotica et Linguistica*, São Paulo, v. 7, p. 25-44, 1998.
- _____. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. *Ciência e cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, abr./jun. 2006.
- CORRÊA, Carlos Pinto. Perversão: trajetória de um conceito. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 29, p. 83-88, set. 2006.
- CORTÁZAR, Julio. Notas. In: POE, Edgar Allan. *Obras en prosa, Tomo I, Cuentos*. Madrid: Universidad de Puerto Rico, 1956.

²¹ No original: "si bien qu'on peut dire que Baudelaire a fait une faute en traduisant 'The Imp Of The Perverse' par 'le démon de la perversité', car tout laisse à penser, dans le texte de Poe, qu'il ne s'agit pas de 'perversité' mais bien de 'perversion'".

- DORON, Claude-Olivier. Le démon du pervers: entre perversité et perversion. In : BOSSI, Laura; CLAIR, Jean (org.). *Crime et folie: actes de la fondation des Treilles*. Paris: Gallimard, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GONÇALVES, Fabiano Bruno. *Tradução, interpretação e recepção literária: manifestações de Edgar Allan Poe no Brasil*. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.
- MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro. A influência da Frenologia no Instituto Histórico de Paris: raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848). *Humanidades em diálogo*, São Paulo, v. 7, p. 127-145, mar. 2016.
- _____. *Guerra pelo cérebro no Instituto Histórico da França: uma disputa médica que adentrou o lugar do historiador (1834-1836)*. 2017. 53 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, RS.
- MANRIQUE, Juan Francisco. El concepto de ‘perversidad’ en Edgar Allan Poe. Una reflexión filosófica. *Polisemia*, Bogotá, n. 12, p. 91-101, jul./dez. 2011.
- PERVERSE. In: AMERICAN Dictionary of the English Language. New Haven: Noah Webster, 1828. Disponível em:
<<http://webstersdictionary1828.com/Dictionary/Perverse>>. Acesso em 25 jan. 2018.
- PERVERSENESS. In: AMERICAN Dictionary of the English Language. New Haven: Noah Webster, 1828. Disponível em:
<<http://webstersdictionary1828.com/Dictionary/Perverseness>>. Acesso em 25 jan. 2018.
- POE, Edgar Allan. *O gato preto e outros contos*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2009.
- _____. *O escaravelho de ouro*. Tradução de Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- _____. Phrenology, Critical Notices. *Southern Literary Messenger*, Richmond, v. 2, n. 3, p. 286-287, 1836.
- _____. *Racconti*. Tradução de Elio Vittorini. Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1961.
- _____. *Tutti i racconti, le poesie e “Gordon Pym”*. Tradução de Daniela Palladini. Roma: Newton & Compton Editori, 1992.
- _____. *The complete illustrated works of Edgar Allan Poe*. Londres: Bounty Books, 2013.
- QUINN, Arthur Hobson. *Edgar Allan Poe: A Critical Biography*. Nova Iorque: John Hopkins, 1998.
- SQUILLACE, Mario Rodolfo; JANEIRO, Jimena Picón; SCHMIDT, Vanina. El concepto de impulsividad y su ubicación en las teorías psicobiológicas de la personalidad. *Revista Neuropsicología Latinoamericana*, Buenos Aires, v. 13, n. 1, p. 8-18, 2011.